

A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA (RCC): ENTRE O TRADICIONALISMO E O NOVO

Vanessa Viegas Lopes

1- INTRODUÇÃO

Os estudos acerca da Renovação Carismática Católica (RCC) no Brasil tem sido um campo explorado por historiadores e sociólogos, entretanto, nota-se que estes trabalhos dão enfoque sobre a origem do movimento, a forma que os membros adeptos se organizam e sobre o seu paralelismo com a hierarquia da Igreja Católica. Em sua tese de mestrado *“Renovação Carismática Católica: Origem, Mudanças e Tendências”* Brenda Carranza (1998) faz um levantamento sobre a chegada da RCC no Brasil, identificando ainda os ideais e a utilização da imagem de Satanás dentro do movimento. Reginaldo Prandi, em seu livro *“Um Sopro do espírito”* (1997), faz um balanço sobre as bases da RCC, além de compará-las com outros movimentos da própria Igreja, tais como as CEBS (Comunidades Eclesiais de Base) e a Teologia da Libertação. Da mesma forma Cecília Mariz descreve em seu artigo sobre o paralelismo do movimento a Igreja Católica, em *“A renovação Carismática Católica: uma Igreja dentro de outra Igreja?”*. Durante a busca por fontes bibliográficas, verificou-se que ainda há a existência de lacunas na produção dos estudos sobre este movimento católico que vem ganhando adeptos em todo o mundo, especialmente no Brasil.

No entanto, este artigo tem como finalidade contribuir para o entendimento da população, sobre este tema tão relevante para a sociedade. Busca-se compreender como a RCC que ao mesmo tempo em que vêm ganhando vários adeptos, despertou algumas críticas dentro da própria Igreja. Assim, pretende-se analisar como a Igreja Católica, lida com essas divergências perante seus membros, tradicionalista ou carismática.

Assim sendo, pretende-se apurar dados sobre as divergências entre os fieis tradicionalistas e os carismáticos, que têm a forma de lidar com a religiosidade de maneiras opostas, entendendo o rumo onde caminha a religiosidade no mundo contemporâneo. Pretende-se analisar estas divergências através dos documentos sobre o assunto publicados pelo Vaticano em âmbito mundial e pela CNBB (Conselho Nacional dos Bispos do Brasil) em âmbito nacional, além dos livros sobre o assunto já citados entre outros.

A partir destas análises, a pesquisa concentra-se em identificar as diferenças de pensamentos dentro da mesma hierarquia, isto é, como a Igreja Católica lida com o novo

modo de religiosidade da população e como a mesma consegue que grupos opostos consigam permanecer em uma mesma hierarquia.

A NOVA VERTENTE DO CATOLICISMO: A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA

O Brasil é um país tradicionalmente católico, desde sua colonização em 1500, a Igreja Católica esteve presente por se tratar da religião oficial de Portugal. Exercendo um papel importante no comportamento dos vassallos de Portugal, pois foi utilizando a esfera do religioso que a Coroa Portuguesa tentou controlar o imaginário da população. Com a Independência do Brasil em 1822, a Coroa Portuguesa perde o seu reinado, mas acaba deixando vestígios principalmente no âmbito cultural, sendo um deles o tradicionalismo da religião Católica, que é passada de geração por geração.

No entanto, a presença do catolicismo no cotidiano da população brasileira em sua história é intensa, porém desde o começo do século XX o mundo passa por uma série de acontecimentos importantes¹. O avanço da tecnologia e a ida das mulheres para o mercado de trabalho faz com que o âmbito familiar se reformule. As mudanças na sociedade e no cotidiano das pessoas fazem com que a religião perca o seu espaço nos lares, além do aumento das ofertas religiosas existentes, a religião passa ser uma questão de escolha.

A visão da Igreja sobre o homem permanecia intacta desde o Concílio de Trento², seria necessário revê-las, isto para que a Igreja Católica não perdessem mais fiéis para as Igrejas Protestantes³. Somente em 1962 a Igreja convoca outro Concílio desta vez o Concílio do Vaticano II, que tem por definição rever a visão da Igreja sobre as mudanças do século XX, entretanto, falaremos sobre esse assunto só mais adiante. O que é necessário entendermos neste momento, é que somente após o Concílio do Vaticano II a Igreja reformula a participação do membro leigo dentro da hierarquia da Igreja, abrindo assim espaços para que novos grupos católicos resgatem os fiéis que estavam fora da Igreja, sendo esses considerados os católicos não praticantes.

Neste contexto a RCC se forma como um grupo que aparentemente pequeno nos EUA no fim da década de 60, mas que ganha adeptos por todo o mundo e não diferentemente no Brasil e de forma muito rápida⁴. Pode-se explicar esta adesão pelo fato da RCC propor uma primeiramente uma reaproximação individual com Deus, através do Espírito Santo. Essa experiência trouxe uma parte de fiéis da própria Igreja que se encontrava distante da religião, por esta estar distante da realidade vivida por seus membros.

Os primeiro indícios de seu surgimento foi nos Estados Unidos em um retiro espiritual realizado na Universidade de Duquense, Pittsburgh em fevereiro de 1967. Segundo um dos fundadores Kevin Ranaghan, “*o fim de semana em Durquense, como viria a ser chamado, foi certamente um dos notáveis acontecimentos na história do movimento pentecostal do mundo*”. (RANAGHAN; 1972, p. 201)

Segundo os jovens participantes do retiro, todos rezaram juntos na capela, e tiveram a visita do Espírito Santo, rezaram com as mãos para o alto e sentiram a sensação de fogo nas pontas dos dedos, os mesmos ainda afirmam que com certeza ali foram batizados pelo Espírito Santo. Esse movimento se espalhou nos EUA e rapidamente pelo mundo ganhando vários adeptos.

O desenvolvimento deste movimento só se tornou possível a partir do Concílio do Vaticano II, Roma, (1962-1965). Neste concílio foi revista à visão da Igreja Católica sua maneira de lidar com as mudanças sociais e culturais do século XX. Segundo os documentos do Concílio do Vaticano II era necessário uma renovação litúrgica e bíblica e a participação do leigo na Igreja, sendo aberto o caminho para que vários movimentos de cunho social tenham seu espaço dentro da Igreja. Entre todos os grupos criados após o concílio a Renovação Carismática Católica (RCC) foi o movimento com maior número de adeptos, tendo como proposta lidar com o lado espiritual de seus fiéis, o que foi um marco para a história do catolicismo.

Apesar da RCC ter uma fácil aceitação de fiéis católicos, muitos membros tidos da Igreja são contra este movimento, umas das explicações dadas, é o uso excessivo dos Carismas, além da utilização de varias danças e cantos. Para eles, esses excessos de carismas e louvor, dão margens para que a RCC seja comparada com os cultos das Igrejas Cristãs Protestantes. Entretanto, os pontos em que mais se distancia a RCC ao protestantismo é a submissão ao papa e o culto mariano, praticado por todos os grupos da RCC.

No Brasil a RCC foi implantada na cidade de Campinas em 1969, por dois padres norte americanos e jesuítas, Pe. Haroldo Joseph Rahm e Pe. Eduardo Doughert. Sabe-se que a presença dos dois padres foram cruciais para que o movimento manter-se no Brasil, pois foram eles que por questões burocráticas fizeram com que este movimento se fortalece-se, até mesmo a formação acadêmica do Pe. Eduardo Doughert em administração e marketing, foi decisivo nas questões relevantes a Comunicação Social na RCC e conseqüentemente para a sua expansão.

Em 1969 Pe. Haroldo veio a Campinas-SP criando eventos como o Juventude Estudantil Católica (JEC) e Juventude Operaria Católica (JOC), que segundo Carranza são considerados os primeiros movimentos da RCC no Brasil. A partir disso, seus membros foram sendo treinados com palestras e retiros e se tornando líderes. A cada lugar visitado a RCC ganhou mais adeptos e em apenas três anos (1972-1975) a RCC já obtinha grupos em Belo Horizonte, Goiânia, Santarém, Recife, Brasília, Jataí e Cuiabá.

Contudo, o surgimento deste movimento, a grande adesão de membros leigos a ele e a forma do movimento agir de forma independente a estrutura da Igreja fez com que a RCC fosse alvo de várias críticas e discussões dentro da própria hierarquia da Igreja. Acarretando de certo modo um desconforto entre os membros tradicionalistas e o carismáticos.

O TRACIONALISMO CATOLICO E A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA

Em apenas meio século de sua existência a RCC vem sendo alvo de vários estudos sobre suas origens e objetivos, mas, sobretudo, do seu modo de agir entre seus membros, acarretando varias críticas dentro da própria instituição. A RCC por sua vez representa para a hierarquia da Igreja um motivo de controvérsias, isto pois, sua aceitação tem sido um processo polêmico e contraditório. Alguns membros, entre padres e bispos, têm aceitado e até mesmo aderido ao movimento, entretanto, outros membros a questionam.

A Igreja Católica prega em seus discursos a caridade como forma de redenção dos pecados, *“a caridade é a alma da santidade à qual todos são chamados. Ela dirige todos os meios de santificação, dá-lhes forma e os conduz ao fim.”*[*Caderno de Catecismo Igreja Católica, §826*]

Sobre o tema a CNBB diz: *“O grande dom, que deve ser por todos desejados, é o da caridade: “aspirai aos dons mais altos. “Alias, passo a indicar-vos um caminho que ultrapassa a todos...” (1Cor 12,31-13,13). “A caridade é o primeiro dom é o mais necessário, pelo qual a amamos a Deus acima de tudo e o próximo por causa dele. [Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica, CNBB,1994, artigo 54].”*

A RCC por sua vez, não nega a caridade como fundamental para a salvação, contudo, a renovação proposta por esse movimento é da espiritualidade individual dos membros, propondo uma “intimidade” com Deus.

São numerosos aqueles que, mesmo sem estarem comprometidos nesta forma de renovação, não puderam deixar de comentar a evidente mudança que se operou na vida dos que nela estão. Entre os frutos poderíamos mencionar uma nova relação pessoal (mas não individualista) com Jesus ressuscitado, nosso Senhor e Salvador, presente pelo seu Espírito. A experiência do Espírito Santo opera uma radical conversão interior e uma profunda transformação na vida de muitos. [CARDEAL SUENENS, 1986, p. 40]

Para a RCC o dia de pentecostes descrito no novo testamento (Ato dos Apóstolos, 2), como a vinda do Espírito Santos é fundamental para essa experiência com Deus, e é a partir dela que a Igreja deve-se guiar. Contudo, os membros da Igreja tidos como tradicionalistas criticam o movimento por não terem grupos com o intuito de caridade.

Outra crítica feita ao movimento é sobre os cultos e ao excesso de louvor. Diversas vezes a RCC foi comparada os cultos de Igrejas protestantes, o que fez com que a CNBB (Ordem Nacional dos Bispos do Brasil) fizessem algumas recomendações aos membros da RCC. O que mostra essa preocupação com os rumos do movimento. *“Reconhecendo-se a presença da RCC em muitas Dioceses e também a contribuição que te trazido à Igreja no Brasil, é preciso estabelecer o dialogo fraterno no seio da comunidade eclesial, apoiando o sadio pluralismo, acolhendo a diversidade de carismas e corrigindo o que for necessário”*. [CNBB,1994a, p.4]

A RCC já vinha sendo centro de estudos e reuniões da CNBB desde 1974, sendo matriz de reuniões e assembléias, que preocupadas com as características dos cristãos que frequentavam as reuniões, além de criar uma comissão para averiguar quais eram as proposta deste movimento. Em 1977 a CNBB se posicionou sobre a RCC com a XV Assembléia Geral realizada em Itaici/São Paulo, pra compreender a linha teológica do movimento, mostrando-se preocupado com os excessos de seus líderes que enfatizam os carismas⁵, Houveram reuniões para o mesmo assunto em 1981, na VI Comissão Episcopal de Pastoral, em 1982, com a Reunião da Presidência do Conselho Permanente e em 1985, XV Reunião Ordinária do Conselho Permanente, todos com o propósito de discussão sobre a RCC⁶

Deste modo os bispos reconhecem a importância da RCC para a Igreja Católica Brasileira, sobretudo, deixa claro que por mais que necessária, a RCC é subordinada a Igreja, e hierarquicamente a CNBB que por obrigatoriamente corrigir o que não é de agrado à Igreja. *“Os membros da RCC participem dos Encontros, Cursos, Círculos Bíblicos e outras atividades pastorais e de formação promovidos pelas Igrejas*

Particulares, bem como dos momentos fortes que marcam a vida eclesial, tais como Campanha da Fraternidade, Mês da Bíblia, Mês Missionário, Preparação de Natal e outros”. [CNBB,1994b,p. 04]

Um ponto a ser observado nas orientações é que a CNBB pede para que os membros não participem apenas desse movimento, interagindo com os demais grupos. É claro a intenção da Igreja de criar um elo com os membros com toda a Igreja, não apenas com a RCC, afim de não se criar um sentimento de pertencimento apenas com a RCC, mas sim com a Igreja.

A CNBB adverte que para todos os livros e manuais distribuídos em reuniões tenha tido aprovação do seu bispo local, para assim controlar o que se é pregado em reuniões. Advertindo também, sobre os cuidados para as escrituras Sagradas não sejam interpretadas de má forma, além de afirmar que é urgente a formação da doutrina de todos os membros do movimento.

Em seus mega-shows feitos voltados para o publico jovem, a missa tem por sua parte muitas orações cantadas, há a utilização do carisma de falar em línguas⁷, além de realizações de shows após a celebração eucarística. Vale ressaltar, que foi juntamente com o surgimento da RCC no Brasil, que a música católica, também teve um seu crescimento e hoje contam além de padres cantores, bandas de destaque nacionais, tais como: Rosa de Saron, Pe. Fabio de Melo, Anjos de Resgate, Adriana, Adoração e Vida, Celina Borges, entre outros. No entanto, a ressalva dos membros tradicionalistas, é que a comunhão que é o ápice da celebração da missa, deve ser o centro da fé, e pede-se respeito para que esses shows tenham mais ênfase quanto a esse sacramento do que propriamente aos shows.

No levantamento feito em 1993 pela CNBB, existem algumas queixas feitas por alguns bispos que criticam que a RCC não tem um vigilância sobre os materiais por eles estudados.Outros afirmam que a inserção do leigo como um líder da RCC tem gerado alguns transtornos, tais como a desobediência para com os bispos, provocando a desmoralização generalizada da figura das autoridades como bispos, padres, diáconos e etc.

A crítica a esse paralelismo acontece não só por parte dos bispos, mas sim de vários membros e grupos da Igreja, segundo Carlos James dos Santos⁸, o que se critica a RCC é *“a sua autonomia bastante grande em relação à autoridade eclesiástica”* sendo ela por parte dos leigos e do clérigo que aderiram este movimento.

Esse paralelismo, torna então a RCC como uma Igreja dentro da Igreja Católica⁹. Se torna claro a existência de uma divisão entre as diferentes formas de ver e ser Igreja,

sendo ela dos membros tradicionalistas e os membros da RCC, entretanto, as duas permanecem na mesma hierarquia. Outro ponto relevante é que o movimento teve uma adesão maior da camada média da sociedade, o que se torna um fato importante para a Igreja, visto que estes fieis perdidos para a Igreja.

OS MEMBROS DA RCC

[Os carismáticos] ao contrario dos Católicos dos CEBs¹⁰, centram na vida religiosa na esfera da intimidade, desenvolvem acentuado controle moral no âmbito da família, dos costumes e da sexualidade, desinteressam-se completamente dos problemas de caráter coletivos, e por, conseguinte, da militância política. Dão grande importância aos dons do Espírito Santo, sobretudo à glossolalia – o dom de falar em línguas desconhecidas (...) [PRANDI, 1998, p. 15]

Em 1993 a CNBB fez um levantamento em suas dioceses, a fim de traçar o perfil dos membros da RCC. Das 232 dioceses consultadas, 115 responderam as perguntas. Sobre as classes sociais dos membros foram registrados: 29% são de classe média e popular, 23% de classe média; 16% de todos os níveis; 8% da classe média baixa; 3% média alta e 20% não responderam¹¹.

Ao se analisar os dados, percebe-se que cerca de 60% dos membros de alguma forma pertencem a classe média 23% (média), mais os 29% (média e popular) e os 8% (classe média baixa). Vale ressaltar que a maioria dos membros tem o nível de escolaridade superior e no campo profissional tem-se a presença de profissionais liberais¹², além de uma maior presença das mulheres nas reuniões da RCC¹³.

Desde sua formação na década de 1960 a RCC propôs uma nova experiência do individuo com Deus, deixando de lado um caráter coletivo pregado pela a Igreja Católica. Conclui-se que esta nova proposta dentro da hierarquia da Igreja, fez com que a camada que mais aderissem a RCC seja a classe média¹⁴. Deste modo, a RCC enfrenta dificuldade para atrair um público da camada pobre, isto, pois, essas pessoas procuram em forma da religião uma forma de sanar primeiro as suas necessidades materiais para depois sanar suas necessidades espirituais. Neste caso, as CEBs melhor se adéquam a essa camada da população.

Contudo, não pode se negar que a RCC vem atraindo a população pobre da Igreja, principalmente nos encontros de massas, tais como os rebanhões, cenáculos, e em seus mega shows, podendo-se assimilar ao poder da mídia que vem cada vez mais a RCC tem

utilizado. Outro fator importante é que há um pequeno número de 3% da classe alta que vêm aderindo este movimento, para Carranza (1998, p. 37) um feito para a RCC, pois a Igreja vem buscando reaproximar esta camada que se encontrava distante da Igreja Católica.

Portanto, pode-se afirmar que a adesão da classe média da sociedade pode ser a explicação para a inserção dos membros do movimento, principalmente sua liderança ao meio político brasileira, que contradiz os princípios do movimento, que inicialmente se desvinculava com as questões coletivas, para aproximar-se primeiramente do indivíduo com Deus.

A VISÃO DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA SOBRE A POLÍTICA

O movimento RCC sendo fruto do Concílio do Vaticano II, tem como base a elevação do sujeito fazendo essa aproximação do indivíduo com Deus, mesmo ele sendo um leigo sobre os assuntos da Igreja. Entre os vários pontos que a RCC enxerga esse indivíduo e o insere dentro da hierarquia da Igreja, nota-se uma preocupação do movimento em relação a postura política de seus membros. Neste sentido, ao longo desses cinquenta anos do movimento no Brasil, foram sendo criados conselhos sobre a política dentro da RCC, tendo a dominação de Ministério de Fé e Política, sendo eles em proporção Nacional e Estadual.

Entre a documentação do Ministério Fé e Política Nacional, são feitas cartilhas para os coordenadores de células da RCC, para que fiquem atentos as questões políticas de sua região, afim de orientar os membros para a conscientização de seus votos. *“A verdade é que a caridade deve animar a existência inteira dos fieis leigos, e consequentemente, também a sua atividade política vivida como “caridade social””*. (Deus Caritas est- Bento XVI – 29). Baseados na palavra do Papa Bento XVI, em uma das cartilhas feitas para as eleições de 2006, o documento exalta que essa *“caridade social”* depende da construção de uma sociedade mais justa, tendo como base o amor em Jesus. Tendo como objetivo ajudar os membros da RCC a se conscientizar sobre a liberdade da vida política.¹⁵

Entre as observações feitas nesta mesma cartilha, se destacam algumas observações feitas, tais como a não venda de votos, sobre a corrupção dentro da política e sobre a importância de se analisar a vida política dos candidatos. É possível entender esta preocupação sobre a vida política, levando em consideração de o movimento tem como a

maior parte de seus integrantes a classe média. *“A Renovação Carismática Católica devido a sua proporção tem uma missão fundamental neste processo, pois pode levar o país a uma reflexão a partir da fé, uma revisão de sua própria caminhada no processo político brasileiro”*. (Cartilha Fé e Política, 2006, p. 3)

Neste sentido, é claro que a preocupação desta camada da sociedade seja em um âmbito político, visto ainda, que esta camada possui um grau de educação maior do que outros movimentos da Igreja, tal como a CEBs. Sendo os ideais da RCC na política questões morais e religiosas, e por sua vez a CEBs tendo seus interesses políticos relacionados a reforma agrária, luta pelo solo urbano, as propriedades indígenas.¹⁶

Entre seu discurso sobre as questões políticos, entoam-se que o movimento não pode se omitir em relação à política, visto que a RCC empenha-se para uma sociedade mais digna e justa para todos, e que para este fim se faz necessário a política do país. Mais do que conscientizar os membros sobre a importância da participação política, a RCC também apóia que os membros sejam candidatos a cargos políticos, com a intenção de que esses lutem pelos preceitos da Igreja em especial do movimento.

Pois em seu amor a Pátria e no fiel compromisso dos deveres civis, sintam-se os católicos obrigados a promover o verdadeiro bem comum e assim fazer valer o peso da sua opinião, para que o poder civil se exerça na justiça e as leis correspondam aos preceitos morais e ao bem comum. Os católicos versados em político e devidamente firmes na fé e na doutrina cristã, não recusem cargos públicos, se puderem, por uma digna administração prover o bem comum e ao mesmo tempo abrir caminho para o Evangelho. (Decreto Apostolados dos Leigos, Vaticano. n°14)

Apoiando-se em documentos do Vaticano, tais como o Apostolado dos leigos, a RCC encoraja seus membros a vida política, entretanto, aquele que quiser disputar cargos políticos deverá comprometer-se com a direção política da coordenação nacional. A RCC por sua vez, analisará o compromisso deste membro e só lhe dará o apoio após ter certeza que este tem como os mesmos ideias do movimento. E os candidatos que não estiverem juntos ao projeto, poderão sair em sua candidatura, mas não terá o apoio do movimento.¹⁷

O primeiro carismático que se envolveu na vida político e que obteve a vitória foi o então presidente Osmar Pereira a deputado federal por Minas Gerais¹⁸, em 1982 candidatando-se a vereador de Campinas Salvador Zimbaldi, mas este não obteve sucesso, em 2007 tomou posse o Deputado Estadual Eros Biondini, e em 2011 como Deputado Federal, todos estes são membros presentes da RCC e obteve o apoio do movimento.

No ano de 1997 o então coordenador nacional da RCC admite que o movimento se preocupa com a política, pois segundo ele, a fé deve levar o compromisso de solidariedade,

e que a Igreja e os Cristãos devem estar no meio da vida política, afim de conseguir os ideais cristãos para a vida política. Para Prandi o objetivo da RCC primeiramente deve ser a mudança espiritual e não se preocupar tanto com as questões sociais, em relação a política o autor enfatiza que se deve ter um cuidado para que a política não se adentre-se no movimento¹⁹, entretanto, como pode-se observar este elo entre RCC e política já acontece. Para Carranza, a preocupação maior da RCC em se eleger membros do movimento, é manter os ideais católicos na esfera pública, fazendo assim leis que tem por base os ideais da Igreja, em específico do movimento.²⁰

Conforme Julia Miranda²¹ a postura da RCC para a mudança sobre a visão política começou a mudar com o projeto de implantação das secretarias nacionais em 1993, e em 2004 são transformadas em ministérios. A RCC por traz em seu discurso de resgatar na disputa política o catolicismo como fonte de valor e da norma, tendo assim, um ideal de que através da vida política a Igreja conseguirá ajudar a sociedade. Entretanto, cabe indagar pelo motivo em que a RCC se envolveu tanto na vida política, tendo base que os primórdios do movimento se baseiam em uma renovação e uma aproximação do indivíduo com Deus, e o que fez estas idéias políticas tomarem outros rumos dentro do movimento, a ponto de se criar um ministério sobre política.

Assim sendo, pode-se dizer que a RCC tem um grande peso nas questões políticas, visto que os candidatos acarretam votos de dentro do próprio movimento, é claro, que a RCC deixa os membros livres para o voto, mas utiliza-se do espaço das reuniões para conseguirem os membros no mesmo ideal político. Utilizando-se de que esses políticos estão do lado dos preceitos da Igreja e lutaram para que estes continuem a vigorar em nosso país.

A ORGANIZAÇÃO E HIERARQUIZAÇÃO DA RCC

O crescimento da RCC tem contribuído para o fortalecimento do espaço institucional da Igreja Católica. A RCC assim passa a ser uma subestrutura da Igreja Católica, tal com estatuto próprio. *“Enquanto subestrutura com relativa autonomia, a RCC adotou um estilo organizacional próprio, que a distingue das demais instancias católicas, que muito contribuiu para o seu sucesso e crescimento”*. (MARIZ, 2003, p. 172).

Ainda segundo a autora a RCC passa a ser chamada como *“movimento religioso”* não por opção dos membros, mas sim pela conjuntura dos fatos e sendo o único modo encontrado para se integrar à organização mais ampla da Igreja.

Ser um “*movimento*” não era a intenção dos membros da RCC, mas sim, reformular a Igreja, sendo um novo modo de ser a própria Igreja²². Na declaração do ex-presidente do Conselho Nacional da RCC no Brasil, citado por Júlia Miranda (1999): “*nós da Renovação nem nos consideramos um movimento leigo a mais na Igreja (...) nós nos consideramos e queremos ser a própria Igreja.*”.

Para se manter dentro da hierarquia da Igreja a RCC precisou se manter como um “*movimento*”, entretanto, essa é uma organização diferenciada das demais, pela proporção tomada mundialmente. Por outro lado, a Igreja Católica, representada pelos tradicionalistas, enxerga a RCC sendo representante das mudanças discutidas no Concílio do Vaticano II, sendo a Igreja com um novo olhar para as necessidades humanas no século XX.

Ao se analisar o estatuto e o regimento da RCC Brasil, observa-se que existe a preocupação e a citação de que a RCC é integrante da Igreja Católica:

[...] É uma sociedade civil de direito privado, composta de uma associação de fiéis católicos, sem associados inscritos, sem objetivos econômicos, sem fins lucrativos, de fins religiosos, sociais, culturais e filantrópicos, com duração por tempo indeterminado, e que tem a função de ser um órgão a serviço da Renovação Carismática Católica, da Igreja Católica Apostólica Romana, da qual é parte integrante, com sede e foro jurídico na cidade de Sorocaba (Estatuto capítulo 1).

É importante ressaltar que não há nenhum indício que a mesma deseja se desmembrar da Igreja. Pode-se explicar este fato, pela obediência ao Papa e o culto a Maria que também é muito enfatizado na Igreja Católica.

Esta obediência ao Papa também se deve ao apoio dado pelo Papa João Paulo II (1920-2005) a RCC.

A Renovação Carismática Católica ajudou muitos cristãos a redescobrir a presença e a força do Espírito Santo na sua vida, na vida da Igreja e no mundo. Esta redescoberta despertou neles uma fé em Cristo repleta de alegria, um grande amor pela Igreja e uma generosa dedicação à sua missão evangelizadora. Neste ano dedicado ao Espírito Santo, uno-me a vós ao louvar Deus pelos frutos preciosos que quis fazer maturar nas vossas comunidades e, através delas, nas Igrejas particulares. (Discurso Papa João Paulo II, 1998)

Entretanto, na mesma carta referida acima, o Papa faz algumas recomendações aos responsáveis da RCC com o intuito de chama-los atenção sobre as funções do movimento.

Como responsáveis da Renovação Carismática Católica, uma das vossas tarefas consiste em tutelar a identidade católica das comunidades carismáticas difundidas em todo o mundo, estimulando-as sempre a manter um vínculo hierárquico e estreito com os Bispos e o Papa. Pertenceis a um movimento eclesial e a palavra «eclesial» obriga a uma preciosa tarefa de formação cristã, que requer uma profunda convergência entre fé e vida. A fé entusiasta que reaviva as vossas comunidades deve ser acompanhada por uma formação cristã

adequada e fiel ao ensinamento eclesial. Com efeito, de uma sólida formação derivar á uma espiritualidade profundamente radicada nas fonte.(Discurso Papa João Paulo II, 1998).

Pelos trechos acima retirados de um comunicado do Papa João Paulo II aos membros da RCC, ele se mostra a favor da RCC. Deste modo, observa-se este apoio dado pelo Vaticano a outros grupos que tem outra forma de enxergar e viver a religião, tais como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que pregam o auxilio as classes mais desfavorecidas da sociedade e a Opus Dei, um grupo católico radical que tem como base que os dogmas da Igreja a ser vivido em todos os momentos de sua vida, sendo em ambiente escolar, profissional e etc. Como então, a mesma instituição apoia tantos grupos divergentes? Como o mesmo Papa abriga tantas formas de vivera religiosidade, isto dentro da mesma hierarquia?

No entanto, a explicação dada por Cecilia Mariz (2003, p. 173) para que a Igreja Católica sobrevivesse unificada por tantos séculos se encontra em sua organização, caracterizada por controlar os desvios e manter grupos divergentes juntos. Conclui-se que se torna interessante para a Igreja manter a RCC em sua hierarquia, visto que o movimento tem se mostrado forte na vida de seus membros, a partir de então esse bom relacionamento se faz necessário para que não haja nenhuma intenção de ruptura com a Igreja. Já para a RCC desmembrar-se da Igreja faria então perde-se o sentido do movimento, visto que o seu primeiro objetivo é trazer para cada membro um encontro com Deus, utilizando os dogmas da Igreja.

CONCLUSÃO

No presente artigo, procurou-se entender sobre o movimento da Renovação Carismática Católica e como a Igreja Católica tem visto e aderido a este movimento que vem ganhando adeptos em todo o mundo. A renovação proposta por este movimento, ainda que tenha sido aceita por todos os membros e que seja criticada pelos tradicionalistas da Igreja.

Em seu objetivo geral desde sua criação, a RCC veio com o intuito de aproximar o leigo em uma experiência com Deus, trazendo este individuo dentro da hierarquia da Igreja, o que é considerado um marco para a história da Igreja Católica, pois assim, os fieis que tinham apenas uma participação mínima, passam a ter um engajamento dentro deste movimento.

A RCC propôs esta aproximação com Deus, sendo esta, através do Espírito Santo a partir de seu dons, baseando-se no Novo Testamento (Atos dos Apóstolos, 2). Mas o comportamento dos membros do movimento em relação ao uso desses dons, em excessivo o de falar em línguas, de louvor e do modo de se comportarem como um movimento excepcional a Igreja, fizeram com que alguns membros da própria Igreja fossem contra a eles.

Entre as principais reclamações feitas pelos Bispos e membros tidos como tradicionalistas, foi a inserção do leigo como coordenadores, isto pois, um indivíduo que não tem a base religiosa, poderá então fazer uma interpretação errônea sobre as leituras da bíblia e serem formadores de opiniões contrárias aos dogmas da Igreja.

A RCC obteve o apoio do Papa desde a sua criação, visto que a RCC conseguiu um grande número de adeptos, em um momento que a Igreja vinha perdendo fiéis para as Igrejas Protestantes em todo mundo. A RCC veio como uma válvula de escape sobre a Igreja que não estava obtendo com o seu velho discurso sobre a vida do homem no cotidiano.

No Brasil, a CNBB lançou diversos estudos sobre a RCC, a fim de entender como o movimento se organizava e se realmente estava seguindo os preceitos da Igreja. Em 1994 orientações para os membros da RCC, mostrando a sua preocupação com a continuidade deste movimento no Brasil.

Estas contradições sobre o modo de entender as escrituras e no modo de agir perante a mesma religião fizeram com que algumas divergências acontecessem e fossem indagadas dentro da mesma hierarquia. Entretanto, o Vaticano vê com bons olhos o movimento, seja por sua forma de atrair o público da classe média, atraindo também jovens que eram considerados perdidos dentro a Igreja.

As divergências aqui expostas entre a RCC e os membros tradicionalistas, seja no âmbito espiritual ou político, ou seja, na sua autonomia do movimento perante a Igreja, sempre existirão, isto pois, uma instituição como a Igreja de Roma, é impossível se manter um único pensamento. O que fica evidente é que a Igreja vem apoiando estes movimentos de pensamentos diferentes sobre a religião, a fim de conseguir se manter no poder.

Cabe a Igreja saber administrá-las, a fim de que nenhum dos movimentos organizem fora da hierarquia da Igreja. O fato é que concordando ou não a RCC é um fenômeno religioso que vem ganhando vários adeptos. Mesmo que ajam divergências entre os pensamentos religiosos não se tem nenhum indício de que a mesma pretende se afastar da

hierarquia Católica e nem que a Igreja de Roma tenha a pretensão de retirá-los da hierarquia. A RCC se firma, como o movimento que conseguiu um olhar diferenciado sobre os fiéis, atraindo para o seio da Igreja.

¹ Erick J. Hobsbawm, a Era dos Extremos (HOBSBAWM p.1995, PÁG. 07), para o autor a história do século XX é diferenciada de qualquer outra época, tendo em vista os acontecimentos que ocorreram não só as Primeira e a Segunda Grande Guerra, a briga entre o Socialismo e o Capitalismo, o avanço da tecnologia, tudo isso, fez com que o século XX fosse visto de uma maneira diferenciada.

² O Concílio de Trento foi convocado pelo Papa Paulo III, a fim de estreitar a união da Igreja e reprimir os abusos, isso em 1546, na cidade de Trento, no Tirol italiano. No Concílio tridentino os teólogos mais famosos da época elaboraram os decretos, que depois foram discutidos pelos bispos em sessões privadas. Interrompido várias vezes, o concílio durou 18 anos e seu trabalho somente terminou em 1562, quando suas decisões foram solenemente promulgadas em sessão pública. Todo o corpo das doutrinas católicas havia sido discutido à luz das críticas dos protestantes. O Concílio de Trento condenou a doutrina protestante da justificação pela fé, proibiu a intervenção dos príncipes nos negócios eclesiásticos e a acumulação de benefícios. Definiu o pecado original e declarou, como texto bíblico autêntico, a tradução de São Jerônimo, denominada "Vulgata". Mantiveram os sete sacramentos, o celibato clerical e a indissolubilidade do matrimônio, o culto dos santos e das relíquias, a doutrina do purgatório e as indulgências e recomendou a criação de escolas para a preparação dos que quisessem ingressar no clero, denominadas seminários.

³ Brenda Carranza A Renovação Carismática Católica, Origens, Mudanças e Tendências, dissertação de Mestrado. (CARRANZA, 1998, p. 10)

⁴ Segundo Carranza 90% das dioceses brasileiras contam com a presença da RCC. (CARRANZA,1998, p. 23)

⁵ Reginaldo Prandi, em o Sopro do Espírito (1998, pág. 36) descreve os Carismas como dádivas de Deus e devem ser usados por aqueles que tiverem o privilégio de recebê-los. Sendo nove os dons divinos: Os dons das palavras:1. dom das línguas estranhas, 2. da interpretações e 3. das profecias. O dom do poder:4. fé, 5.cura e 6. milagre. Os dons das revelações: 7.sabedoria, 8 ciência e 9. Discernimento.

⁶ SILVA, Artigo O movimento de RCC e sua inserção no Brasil, pág. 298,299). Mas apenas em 1994 a CNBB divulga um documento oficial com orientações para os membros da RCC.

⁷ Para Prandi, em Um Sopro do Espírito, (pág, 36) o dom ou carisma de falar em línguas é o momento de transe pelo qual se revela publicamente a presença do Espírito Santo. Neste livro, Prandi aconselha que todos os grupos dêem ênfase aos carismas do Espírito Santo, mas dando sempre prioridade ao dom de Falar em Línguas.

⁸ Carlos, James dos. Análise de conjuntura religião-eclesial Caderno do Ibrade. V. 40 (1996, p. 19-43)

⁹ Carranza (2000, P.61)

¹⁰ Os CEB (Comunidades Eclesiais de Base) movimento formado em 1960, é um grupo que caracteriza-se pela valorização da vida religiosa que enfatiza os interesses coletivos das classes sociais desfavorecidas.

¹¹ Dados extraídos da dissertação de mestrado de Brenda Carranza (CARRANZA,1998a, p. 38)

¹² Dados extraídos da dissertação de mestrado de Brenda Carranza (CARRANZA,1998b, p. 38)

¹³ Para Prandi a RCC veio com um discurso para recuperar um público da classe média que estava perdido(PRANDI,1998, p. 160)

¹⁴ Cecília Mariz, Revista Civias, Porto Alegre, v.3, n°1 “A Renovação Carismática Católica, uma Igreja dentro da Igreja?” (MARIZ,2003, p. 185)

¹⁵ Volcan, Marcos Dione Filho, Sidnei O Telles, cartilha “Uma proposta para Reflexão, Dimensão Formativa”, (2006,p.02)

¹⁶ (CARRANZA,1998c, p. 131)

¹⁷ Volcan, Marcos Dione Filho, Sidnei O Telles, cartilha “Uma proposta para Reflexão, Dimensão Formativa”, (2006; p. 07). Neste contexto, foi criado O Projeto Brasil na Cultura de Pentecostes dentro do ministério de fé e política a fim de orientar estes membros que querem se eleger a cargos público, não sendo como objetivo do grupo se tornar um partido político, mas sim, acompanhar e ajudar nas ações propostas com inspiração na caridade social, Ca construção da civilização do amor e da justiça

¹⁸ (CARRANZA, 1998d, p. 124)

¹⁹ Prandi, Reginaldo, em seu livro *O Sopro do Espírito* destina um capítulo sobre a RCC e a política. Neste se vê a preocupação do autor que a RCC não tem objetivo político e que este se enquadraria melhor a CEBs. (PRANDI, 1998a, p. 171 a 178)

²⁰ (CARRANZA, 1998e, p. 133)

²¹ MIRANDA, Júlia. *Carismas, sociedade e política: novas linguagens do religioso político*.

²² PRANDI. (1998b, p. 97)

BIBLIOGRAFIA

CARRANZA, Branda, *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças, tendências*. Tese (mestrado em sociologia) Unicamp (1998).

CARRANZA, Brenda & MARIZ, Cecília. “Novas comunidades católicas: porque crescem?” In: *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno*.

MARIZ, Cecília. *Renovação Carismática Católica: Uma Igreja dentro da igreja?* Civitas, v. 3, nº 1, Porto Alegre, 2003.

MARIZ, Cecília. *Pentecostalismo, Renovação Carismática e Comunidade de Base: uma análise comparada*. Caderno do Ceris. Volume 1, n. 2.

NASCIMENTO, Marizete Martins. *Cartilha: Políticos e Eleitores: Ações Concretas: Fé e Política*, 2006.

MIRANDA, Julia. *Carismas, sociedade e política: novas linguagens do religioso no político*. Rio de Janeiro: Ano 1999.

PRANDI, Reginaldo. *O sopro do Espírito*. Edusp, São Paulo 1997.

RANAGHAN, Kevin e Dorothy. *Católicos Pentecostais*. Pindamonhangada/SP: O.S.Boyer, 1972.

RIBEIRO, Ari Luis do Vale. *Considerações sobre as orientações pastorais da CNBB sobre a Renovação Carismática Católica*. Revista: *Eclesial Brasileira*. Volume 56. Ano: 1996.

SANTOS, Carlos James dos. *Análise de conjuntura religioso-ecclesial*. Caderno do Ibrades. V. 40. Ano; 1996.

SILVA, Maria da Conceição, *O Movimento de Renovação Carismática Católica e sua inserção no Brasil*. Revista: *História*, Universidade Estadual Paulista. Volume: 19. Ano: 2000.

SUENENS, L. J. O cardeal Suenens opina sobre a Renovação Carismática. In. ALDUNATE, C. et al. *A experiência de Pentecostes. A Renovação Carismática na Igreja Católica*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1986, p. 40.

VOLCAN, Marcos Dione e FILHO Sidnei. *Cartilha: Uma proposta para Reflexão. Fé e Política*. Ano 2006.